

O NIILISMO EM CINCO QUADROS

SABINO MENA BARRETO E DIOGO OLIVIER



Magro e taciturno. O paraibano Augusto de Carvalho dos Anjos era o retrato perfeito do niilismo, do sofrimento e, sobretudo, da angústia existencial que serviam de inspiração para os seus versos depressivos.

Nascido e criado debaixo do regime patriarcal dos senhores de escravos, Augusto dos Anjos acostumou-se a conviver com a morte e a misturá-la de maneira indissolúvel com a vida. Assistiu impotente ao desmoronamento dos engenhos de sua família, que acabaram por constituir um quadro triste e carregado de péssimas recordações que o perseguiram pelo resto da vida.

Com a explosão da Revolução industrial e seu capitalismo contraditório, a classe de latifundiários nordestinos da qual sua família fazia parte inicia uma queda lenta e dolorosa. É neste panorama de decadência que presencia a morte de seu pai, vítima de um coágulo no cérebro. Os dias passados por seu pai totalmente imóvel na cama, numa agonia interminável, marcam para sempre a vida e a poesia de Augusto dos Anjos. Sofrimento igual, ele só voltaria a passar quando da morte

prematura de seu único filho, que perdeu a vida antes de nascer, aos sete meses de gestação.

No ambiente universitário da Faculdade de Direito do Recife, onde se formaria em 1907, aos 23 anos, Augusto dos Anjos toma contato com o espírito cientificista que se tornaria uma marca registrada da sua obra. Ali conheceu e adotou as concepções materialistas que fariam com que encarasse a morte como fato material e a vida como um processo químico, na qual o corpo humano seria apenas uma organização de “água e cal”.

Incompreendido em vida, quando teve que publicar por conta própria o seu único livro de poesias, “EU”, Augusto dos Anjos teve na depressão um sentimento que o perseguiu durante toda a sua vida. Na poesia encontrou um meio para exorcizar suas angústias. Ou pelo menos tentar.

Ficha técnica

Fotos: Sabino Mena Barreto*

Produção e texto: Diogo Olivier**

Poemas: Augusto dos Anjos

Ator: Ben Berardi

Máquina fotográfica: Hasselblad 500 C/M

Filme: T - MAX 400 ASA

Diafragma: 8.0

Obturação: 1/30 seg.

Objetiva: 80 mm

* Fotógrafo. Formando em Ciências Sociais pela UFRGS.

** Aluno do Curso de Comunicação da FABICO/UFRGS.



“Tentava compreender com as conceptivas
Funções do encéfalo as substâncias vivas
Que nem Spencer, nem Haeckel compreenderam...”
(Versos do soneto **Os doentes**, do livro **Eu**, publicado em 1907)



“Para onde fores, Pai, para onde fores,
Irei também, trilhando as mesmas ruas...
Tu, para amenizar as dores tuas,
Eu, para amenizar as minhas dores!”
(Versos de **Sonetos**, do livro **Eu**, dedicado ao seu pai doente)



“Madrugada de 13 de janeiro.
Rezo, sonhando, o ofício da agonia.
Meu pai nessa hora junto a mim morria.
Sem um gemido, assim como um cordeiro!”
(Versos de **Sonetos**, do livro **Eu**, dedicado ao seu pai morto)

“Pobre meu pai! A morte o olhar lhe vidra.
Em seus lábios que os meus osculam
Microorganismos fúnebres pululam
Numa fermentação gorda de cidra’.
(Versos de **Sonetos**, do livro **Eu**, dedicado ao seu pai morto)

